

Até paixão nacional acaba?

Por
Isadora Nascimento
Juliana Teixeira

No dia 15 de março, em meio às medidas sanitárias para contenção da pandemia do novo coronavírus no Brasil, uma notícia chamou especial atenção: a Globo interrompeu as gravações de sua principal novela, Amor de Mãe, exibida no horário das 21h. Se alguns continuavam negando a existência do problema gerado pela Covid-19 no país, outros começaram a perceber a gravidade da questão, que impactou, talvez como nunca antes, uma das paixões nacionais.

É verdade que várias produções das emissoras de televisão brasileiras foram paralisadas ou remodeladas frente às recomendações da Organização Mundial da Saúde, incluindo programas de auditório, de esportes, de culinária, abrindo mais espaço para o telejornalismo, sobretudo para as pautas referentes à pandemia. Mas é fato também que a decisão da Rede Globo por suspender seu principal e mais lucrativo produto em um momento cujas previsões ainda eram mais animadoras e optar por reprises em todos os horários de exibição de novelas revelou que a dimensão do problema era maior do que alguns poderiam supor.

Gradativamente, as novelas que estavam no ar, cujas gravações eram planejadas com frentes de duas a três semanas de antecedência apenas, foram substituídas. Amor de Mãe por Fina Estampa. Na faixa das 19h, Salve-se quem puder por Totalmente Demais. E Éramos Seis, já com as gravações encerradas, deu lugar a Novo Mundo, no horário das 18h. Os critérios adotados para tais escolhas foram objetivos: a busca pela manutenção da audiência e pelo interesse do público em assistir a somente produtos repetidos, se aproveitando dos maiores picos de índice de isolamento social ao redor do país.

Desde a predileção por gravações que já estivessem com o tratamento de imagem em alta definição (HD), passando pela conquista de prêmios e reconhecimento internacional (no caso da série infanto-juvenil Malhação – Viva a Diferença, temporada exibida em 2017/2018) até aos óbvios marcadores de audiência e a repercussão na época da exibição original. A única exceção foi Novo Mundo, escolhida por ser uma espécie de precursora da novela que já tinha iniciado suas gravações, Nos Tempos do Imperador, mas que, até o momento, segue sem expectativa de retorno da produção.

Apesar da objetividade na escolha dos critérios para a tomada de decisão acerca das reprises, sobram controvérsias e polêmicas entre uma parte do público sobre o assunto. Algumas fizeram ainda mais sentido após o início efetivo das reexibições,

especialmente de *Fina Estampa*, novela datada de 2011-2012 e escrita por Aguinaldo Silva, autor de alguns dos maiores sucessos da emissora que pararam o país, como *Roque Santeiro*, *Vale Tudo*, *Senhora do Destino*, e daquele que é considerado o mais recente fracasso do horário nobre, *O Sétimo Guardião*, vulgo a novela do gato, que o fez ser demitido.

A reprise de *Fina Estampa*, apesar do sucesso de audiência em 2011, gerou polêmica desde o anúncio entre essa parcela do público mais presente na Internet e nas redes sociais. Alguns alegavam se tratar de novela recente; preferiam as mais antigas. Outros já defendiam o ponto de que era novela defasada, com questões em franca evolução nas discussões em sociedade. Como o personagem Crô, interpretado por Marcelo Serrado, na época da exibição tão admirado a ponto de ganhar filme próprio, e sucesso de bilheteria, da Globo Filmes. Hoje, porém, é visto muito mais como a caricatura do homossexual que se submete aos desmandos de mulheres ricas (as quais consideram suas divas) e que mantém suas relações amorosas em segredo.

A mocinha e a vilã (Griselda e Teresa Cristina, vividas, respectivamente, por Lília Cabral e Christiane Torloni) começaram, com a reprise, a ter suas dicotomias, aqueles aspectos 8 ou 80, questionadas. Uma muito boa, justa, correta, trabalhadora... A outra, má, péssima mãe e esposa, madame... Essa lógica binarista, o mundo visto sob a ótica do *Yin e Yang*, é ponto, inclusive, crucial na concepção de quase todas as narrativas novelísticas. Assim como a rivalidade feminina em torno da figura de um único homem ou de uma figura de desejo em comum que se torna, em determinados momentos da trama, o principal motivo de desavença entre as duas.

Ao passo que algumas correntes feministas lutam em direção ao alcance da sororidade, da rede de apoio entre as mulheres, as novelas brasileiras continuam privilegiando e incentivando uma problemática desse tipo em seus enredos. E continuam porque a novela de maior sucesso de 2019, *A Dona do Pedaço*, promovia uma narrativa de competição entre mãe e filha em torno de uma figura masculina medíocre e de dinheiro. Coincidentemente – ou não, já que ambas são de Walcyr Carrasco, o mesmo plot central – é assim que se fala no mundo das séries, né? - daquela que é tida como uma das melhores novelas da década: *Verdades Secretas*, cuja continuação, confirmada pelo autor e já em fase de pré-produção, também terá como tônica principal a rivalidade feminina.

Daí, surge o seguinte questionamento: será que o brasileiro amaria tanto as novelas que já assistiu se as reassistissem no contexto atual? Dentro do que se chama bolha daqueles que consomem ou consumiam novelas e são intensamente ativos nas redes sociais, é significativo o número dos que afirmam categoricamente que não! E o questionamento ecoou ainda mais forte quando um dos atores da trama, Marco Pigossi, intérprete de Rafael, fez coro: "Essa novela deveria ser proibida de reprisar porque são tantas barbaridades", afirmou, gerando, inclusive, um imbróglio com o autor, Aguinaldo Silva.

Aparentemente, mesmo com a novela cumprindo o dever de casa e alcançando as metas de audiência, a Globo, após as polêmicas, optou por reprisar a aclamada por crítica e público, *A Força do Querer*, exibida há apenas três anos. Seria, então, uma aceitação de que as críticas têm fundamento? Tudo indica que sim. E talvez essa autocrítica fosse necessária, sobretudo para alguns autores, que insistem em abordar assuntos de maneira superficial, estereotipada e maniqueísta.

Pode-se, entretanto, contra-argumentar no sentido de que reprises são comumente exibidas no canal de TV a cabo, Viva, sem gerar essa rejeição e repercussão. Contudo, é necessário também considerar que o canal é voltado para esse tipo de conteúdo de maneira muito específica, direcionando, à priori, o público a uma interpretação fora do contexto atual, além de alcançar uma parcela bem inferior da população. Situação que se difere - e muito - da exibição, em horário nobre, pela emissora aberta de maior audiência no País.

Ficam, portanto, algumas questões para os apaixonados por novelas em 2020: Admiraríamos tanto as danças hiperssexualizadas da odalisca Jade em *O Clone*? Amaríamos a Ruth e odiaríamos a Raquel em *Mulheres de Areia*? Torceríamos por um final feliz de Ana Francisca e Danilo em *Chocolate com Pimenta*? Talvez sim... Talvez não!